

**A escrita epistolar na história das ideias linguísticas no/do Brasil:  
uma carta de Said Ali para Antenor Nascentes**

**L'écriture épistolaire dans l'histoire des idées linguistiques au Brésil :  
une lettre de Said Ali à Antenor Nascentes**

Thaís de Araujo da Costa<sup>1</sup>, Tayane Pinto dos Santos<sup>2</sup>

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil)*

**RESUMO**

Neste artigo, serão expostos os resultados de uma análise realizada a partir de uma correspondência inédita enviada de Said Ali a Antenor Nascentes. Tomando-a como lugar de (re)produção de memória, é nosso objetivo refletir acerca do imaginário de interlocução projetado sobre o processo de constituição, (re)formulação e circulação do conhecimento científico sobre (meta)língua(gem) construído e em construção na escrita epistolar. Para tanto, adotou-se como procedimento metodológico de análise o movimento “texto-puxa-texto”, tal como sugerido por Lagazzi (2003), articulando-o ao conceito de formações imaginárias de Michel Pêcheux (1997 [1969]) e ao de heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz (1990). A análise tem possibilitado depreender uma disputa na (re)produção de conhecimento sobre língua(s) na sua relação com o conhecimento sobre o mundo, bem como uma disputa pela legitimidade dos saberes que (não) podem e (não) devem ser ensinados na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Escrita Epistolar. História das Ideias Linguísticas no/do Brasil. Manuel Said Ali Ida. Antenor de Veras Nascentes.

**RESUME**

Dans cet article, nous présentons les résultats d'une analyse menée à partir d'une correspondance inédite envoyée par Said Ali à Antenor Nascentes. En la considérant comme un lieu de (re)production de mémoire, notre objectif est de réfléchir à l'imaginaire d'interlocution projeté sur le processus de constitution, de formulation et de circulation du savoir scientifique sur la (méta)langue, construit et en cours de construction dans l'écriture épistolaire. À cette fin, la démarche méthodologique adoptée a été le mouvement « texte-appelle-texte », tel que proposé par Lagazzi (2003), l'articulant au concept de formations imaginaires de Michel Pêcheux (1997 [1969]) et à celui d'hétérogénéités énonciatives de Authier-Revuz (1990). L'analyse a permis de mettre en évidence une dispute dans la (re)production des savoirs sur la/les langue(s) en relation avec le savoir sur le monde, ainsi qu'une dispute autour de la légitimité des savoirs qui peuvent — ou non — et qui doivent — ou non — être enseignés à l'école.

Recebido em: 4 set. 2025

Aceito em: 25 out. 2025

<sup>1</sup> E-mail: [araujo\\_thais@yahoo.com.br](mailto:araujo_thais@yahoo.com.br) | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8599-3528>.

<sup>2</sup> E-mail: [tayanerjsantos@gmail.com](mailto:tayanerjsantos@gmail.com) | ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7346-019X>.

## MOTS-CLES:

Écriture épistolaire. Histoire des idées linguistiques au Brésil. Manuel Said Ali Ida. Antenor de Veras Nascentes.

## 1. Introdução

Ler cartas de e sobre Said Ali. Tomá-las como parte de um jogo complexo em que se entrecruzam discursos de/sobre Said Ali, sobre as obras e as ideias linguísticas filiadas a esse nome de autor.<sup>3</sup> Procurar e seguir migalhas. Fazer história das ideias linguísticas. Eis, pois, o trajeto ao qual nos lançamos quando tomamos a escrita epistolar como ponto de partida para reflexão a respeito da (re)produção, (re)formulação e circulação do conhecimento linguístico-gramatical no/do Brasil na primeira metade do século XX.

Esta investigação filia-se ao projeto Arquivos de Saberes Linguísticos (SaberLing)<sup>4</sup> e toma como materialidade de análise uma epístola que integra um dos arquivos construídos no âmbito desse projeto: o Arquivo Said Ali (ASA). O ASA é um arquivo de dizeres filiados ao nome de autor Manuel Said Ali Ida (1861-1953). Esse arquivo possui atualmente dois catálogos: um de Produção Intelectual<sup>5</sup> e outro de Correspondências de Said Ali.<sup>6</sup> O Catálogo de Correspondências de Said Ali é constituído por:

- 10 cartas enviadas, de 1913 a 1927, por Said Ali para João Capistrano Honório de Abreu (1853-1927) sobre temas diversos; e
- 2 cartas enviadas por Said Ali a Antenor de Veras Nascentes (1886-1972) – a primeira, de 1931, em que tece comentários sobre a edição escolar dos *Lusíadas* então recentemente publicada por este; e a segunda, de 1939, em que comenta o texto de Nascentes sobre a forma como estrangeiros pronunciavam alguns fonemas da língua portuguesa publicado em 1938 em miscelânea em homenagem a Said Ali organizada pelo próprio Nascentes.

<sup>3</sup> O conceito de nome de autor foi deslocado da reflexão foucaultiana e não diz respeito ao indivíduo empírico em si, mas aos posicionamentos a que o sujeito se filia/é filiado ao se projetar/ser projetado no dizer como autor, (re)produzindo um efeito de identidade para esse nome e de valorização ou de desvalorização para os textos que nele se reagrupam (Cf. Costa, 2019).

<sup>4</sup> Notadamente, é fruto da pesquisa de iniciação científica “A escrita epistolar como prática de (re)produção, (re)formulação e circulação de saberes linguísticos na primeira metade do século XX” desenvolvida, no âmbito do SaberLing, de outubro de 2022 a agosto de 2024. A pesquisa contou com dois bolsistas: Luís Fernando da Silva Fernandes, de outubro de 2022 a julho de 2023, e Tayane Pinto dos Santos, de agosto de 2023 a agosto de 2024, e duas voluntárias: Daniele Barros de Souza e Thairly Mendes Santos. Para saber mais sobre o SaberLing, acesse: <https://www.saberling.institutodeletras.uerj.br/>.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.saberling.institutodeletras.uerj.br/producao-intelectual/>.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.saberling.institutodeletras.uerj.br/producao-correspondencias-1>.

As cartas de Said Ali para Capistrano integram os três volumes da obra *Correspondências de Capistrano de Abreu*, que, organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues, foi publicada pelo Instituto Nacional do Livro, na década de 1950, e reeditada pela editora Civilização Brasileira, na década de 1970. Os manuscritos dessas correspondências encontram-se no acervo da Biblioteca Nacional (BN). Já as cartas de Said Ali para Nascentes foram publicadas no *Jornal do Comércio* em 1961 pelo filólogo tcheco Zdeněk Hampejs (1929-1986) em comemoração ao centenário de Said Ali.<sup>7</sup> Até o momento, não há notícias sobre o paradeiro dos seus manuscritos.

Calcado no aporte teórico-analítico da Análise de Discurso materialista na sua relação com a História das Ideias Linguísticas, além de constituir o já referido Catálogo de Correspondências, o objetivo geral da pesquisa que envolve tais materialidades é: i. lançando mão do conceito de formações imaginárias (Pêcheux, 1997 [1969]), depreender as imagens projetadas de Said Ali sobre si mesmo, suas obras e a(s) língua(s) no/do Brasil, assim como sobre estudos linguísticos nacionais ou estrangeiros; e ii. desenvolver reflexão acerca do lugar da escrita epistolar na (re)produção, (re)formulação e a circulação de ideias linguísticas na primeira metade do século XX.<sup>8</sup>

Neste artigo, tomando como materialidade de análise a carta enviada por Said Ali a Nascentes em 1931, objetivamos, especificamente, pensar as relações entre língua, saberes linguísticos, literatura e ensino projetadas na/a partir da carta. Tendo em vista esse propósito, o organizamos em três partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira delas, apresentamos como discursivamente temos pensado a escrita epistolar e a sua relação, na primeira metade do século XX, com os processos de (re)produção, (re)formulação e circulação de ideias linguísticas no espaço enunciativo brasileiro. Na segunda, expomos o procedimento metodológico que sustenta o nosso gesto de leitura (a partir) das correspondências e que, na esteira de Lagazzi (2003), designamos como movimento “texto-puxa-texto”, dialogando com a

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://bit.ly/3JLwg9S>. Acesso em: 28 jun. 2024. Essa notícia foi reeditada em *Manuel Said Ali: primeiros escritos & outros textos* (2024), obra organizada por Thaís de Araujo da Costa e Daniele Barros de Souza, disponível em: <http://bit.ly/46839Ff>.

<sup>8</sup> Fernandes (2023) publicou os primeiros resultados desta pesquisa. Em sua investigação para constituição do Catálogo de Correspondências de Said Ali, se deparou com cerca de 70 cartas de Capistrano de Abreu a interlocutores diversos em que comenta sobre Said Ali e sua obra e 1 carta inédita enviada em 1934 por Antenor Nascentes a Antônio Carneiro Leão (1887-1966), em que realiza um convite para contribuição com artigo para a miscelânea a ser publicada em homenagem a Said Ali por ocasião do seu jubileamento do serviço público em 1925. Diante disso, iniciou a montagem de um arquivo secundário a partir do qual também buscou depreender imagens projetadas sobre Said Ali, as obras e os dizeres filiados a esse nome de autor. No referido capítulo, o autor, a partir da análise dessas correspondências, propôs-se a “coletar pistas das contribuições de Said Ali no campo de estudos da linguagem, em especial no tocante à descrição de línguas indígenas brasileiras” (2023, p. 130), mostrando que “[m]uito ainda há a dizer [...] a respeito de Said Ali e de sua contribuição para os estudos linguísticos no/do Brasil” (2023, p. 131).

reflexão de Authier-Revuz (1990; 2020) sobre as heterogeneidades enunciativas. Na terceira e última parte, por meio do batimento entre descrição-interpretação (Orlandi, 2007a), empreendemos um movimento analítico a partir de sequências discursivas (SDs) sobre língua recortadas das materialidades que constituem os nossos corpora.

Para concluir esta introdução, cabe pontuar que, embora a escrita epistolar não seja um objeto canônico nos estudos linguísticos, como lembra Cavaliere (2013, p. 366), a análise de cartas de intelectuais pode fornecer “maior esclarecimento sobre fatos que insistem em manter-se sob as cobertas”, uma vez que, a partir delas, é possível, referindo-se especificamente a Said Ali, tomar “ciência de aspectos pouco estudados do trabalho cotidiano do filólogo fluminense”. Com esta pesquisa, aceitamos, pois, esse desafio buscando lançar um olhar discursivo sobre a escrita epistolar. Em nosso gesto analítico, contudo, não tomaremos as correspondências como unidades de sentidos, mas, mobilizando a partir delas outras textualidades, buscaremos relacionar dizeres em circulação no Brasil numa dada temporalidade.

## **2. Um olhar discursivo sobre a escrita epistolar *de* intelectuais *para* intelectuais**

As correspondências que constituem o Arquivo Said Ali são tomadas aqui enquanto uma modalidade enunciativa inscrita no campo do discurso *de* e *sobre* (Souza, 1997; Orlandi [1990] 2008a; Mariani, 1998). O discurso *sobre*, como explica Mariani (1998, p. 60-61), tem como um de seus efeitos imediatos o fato de “tornar objeto aquilo sobre o que se fala”. Sempre que um sujeito, em seu movimento de autoria, diz *sobre* um objeto, produz-se entre este e aquele um “efeito de distanciamento”, que marca uma diferença em relação ao que é falado, tornando-lhe possível “formular juízos de valor, emitir opiniões etc., justamente porque não se ‘envolveu’ com a questão” (1998, p. 60-61). Em decorrência desse efeito de distanciamento, ainda em conformidade com o que propõe a autora, os discursos *sobre* são significados socialmente como lugares de autoridade em que há a transmissão de algum tipo de conhecimento e, em função disso, atuam na institucionalização de sentidos, produzindo o efeito de linearidade e homogeneidade da memória do discurso que tomam como objeto – daí serem considerados como discursos intermediários: ao falarem sobre um *discurso de* (tomado como “discurso-origem”), situam-se entre este e o seu interlocutor, colocando-se como lugar de memória, apagando o gesto de interpretação-autoria empreendido pelos sujeitos (*sobre* o discurso *de*) e, assim, estabelecendo o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, apagado.

É nesse sentido que tais correspondências, enquanto espaços de encontro/confronto entre *discurso de* e *discurso sobre*, são tomadas como lugares de (re)produção de memória, isto é, de *uma certa* memória, inserindo-se naquilo que, nos estudos históricos e historiográficos, convencionou-se chamar de *escrita de si*, mas também – acrescentamos – *sobre os dizeres (de) outros*. A escrita de si, conforme Gomes (2004, p. 16), “é, ao mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto, que se criam, simultaneamente, através dessa modalidade de ‘produção do eu’”. Assim, segundo a autora, a partir de Foucault, escrever cartas é “‘dar-se a ver’, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo ‘visto’ pelo remetente” (2009, p. 19).

Para pensar esse jogo entre ver e ser visto, trazemos à baila o conceito de formações imaginárias do filósofo francês Michel Pêcheux. Pêcheux (1997 [1969], p. 82, *itálicos do autor*), opondo-se ao esquema da teoria da comunicação segundo o qual a mensagem é pensada como transmissão de informação entre A e B, define discurso como “‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B”. Partindo dessa definição, o autor explica que os lugares sociais (pontos A e B) são “*representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo”. Isso significa que, embora presentes, tais lugares se encontram transformados no dizer, de modo que “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. O autor pontua ainda que, “[s]e assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações)”.

Do ponto de vista discursivo, considera-se que tais regras são determinadas pelas relações de força constitutivas de toda e qualquer formação social. Conforme explica Orlandi (2007a [2001], p. 39-40), “[c]omo nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’”.

Dando consequência ao conceito de formações imaginárias, Pêcheux (1997 [1969], p. 83) assevera que “a posição dos protagonistas do discurso [pontos A e B] intervém a título de condições de produção do discurso” e acrescenta que o objeto do dizer, o “referente [discursivo]” (R), “pertence igualmente às condições de produção”, ressaltando, contudo, que esse objeto é “um *objeto imaginário* (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física”. Dito de outro modo, as imagens dos sujeitos (no caso em tela, do remetente e do seu destinatário) e do objeto do dizer (a língua, os saberes produzidos e reproduzidos sobre ela, os dizeres filiados a outros nomes de autores etc.) constituem o que, conforme Orlandi (2007a, p. 40), nos “permite passar

das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso”, o que significa, portanto, que “o lugar do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (2007a, p. 39).

Mobilizando a proposta de Pêcheux e Orlandi para refletir acerca do funcionamento da escrita epistolar, entendemos que há um imaginário de interlocução que se projeta nas correspondências nelas inscrevendo as condições de produção que lhes determinam. Em outras palavras, entendemos, considerando o fluxo epistolográfico, que tal imaginário presentifica no dizer imagens projetadas do lugar do sujeito-missivista A (Autor), às quais se pode ainda confrontar aquelas projetadas a partir do lugar do sujeito missivista B (Leitor). É, pois, por meio da apreensão do funcionamento desse imaginário inscrito nas cartas, que cremos ser possível compreender melhor os modos de (re)produção, (re)formulação e circulação do conhecimento sobre a (meta)língua(gem) no Brasil no início do século XX.

No Quadro 1, buscamos, com base na proposta de Pêcheux (1997 [1969]), ilustrar o jogo de troca de imagens a que nos referimos até aqui. Deve-se salientar, contudo, que no processo enunciativo constitutivo do fluxo epistolográfico a inscrição dos sujeitos nessas posições é dinâmica, havendo intercambialidade em função da sua significação como autor (A) ou leitor (B). Este, no entanto, uma vez que não temos acesso ao momento em que se desenrola o processo de leitura, é considerado, tendo em vista o mecanismo de antecipação posto em funcionamento a partir do lugar do autor ao significar-se como sujeito do dizer, enquanto efeito, o *efeito-leitor* – nos termos de Orlandi (2007b). Para a pesquisadora, o lugar de autoria se faz com a constituição de um lugar de interpretação, que é definido pela relação com a alteridade, de modo que “[o] efeito-leitor representa, para o autor, a sua heterogeneidade constitutiva (memória do dizer, repetição histórica)” (2007b, p. 75).

**Quadro 1 – Jogo de formações imaginárias na escrita epistolar**

Expressões referentes ao lugar do sujeito-missivista A (Autor) →	Significação da expressão	Questão implícita cuja resposta materializa a formação imaginária correspondente	Questão implícita cuja resposta materializa a formação imaginária correspondente	Significação da expressão	Expressões referentes ao lugar do sujeito-missivista B (Leitor) ←
IA (A)	Imagem projetada pelo sujeito-missivista A sobre si mesmo	<i>quem sou eu que lhe falo assim?</i>	<i>quem sou eu para que ele me fale assim?</i>	Imagem projetada pelo sujeito-missivista B sobre si mesmo	IB (B)

IA (B)	Imagem projetada pelo sujeito-missivista A sobre o sujeito-missivista B	<i>quem é ele para que eu lhe fale assim?</i>	<i>quem é ele para que me fale assim?</i>	Imagem projetada pelo sujeito-missivista B sobre o sujeito-missivista A	IB (A)
IA (R)	Imagem projetada pelo sujeito-missivista A sobre o objeto do dizer	<i>do que eu lhe falo?</i>	<i>do que ele me fala?</i>	Imagem projetada pelo sujeito-missivista B sobre o objeto do dizer	IB (R)

Fonte: Elaboração autoral.

Com vistas a depreender o jogo de formações imaginárias projetado na carta de Said Ali para Nascentes e mapear o seu fluxo epistolográfico, trazemos abaixo duas SDs iniciais. Na primeira (SD1), recortamos o cabeçalho, o vocativo e os três primeiros parágrafos e, na segunda (SD2), a despedida e a assinatura.

**SD1:**

Petrópolis, 10 de janeiro de 1931.

Prezado Colega e Amigo Prof. Antenor Nascentes.

Desta vez não foi parar em mãos alheias o exemplar dos *Lusíadas*. Muito lhe agradeço o oferecimento.

Os comentários são bem feitos, e claros e concisos, como convém aos estudantes de português.

Acudiram-me durante a leitura poucas notas e sugestões. (Ida, 1931)

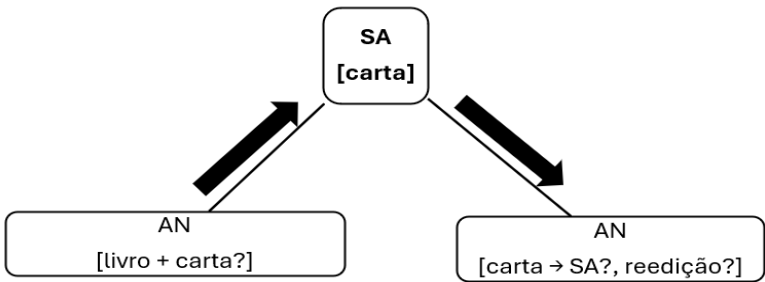
**SD2:**

Ponho termo às minhas notas e peço disponha do — colega e amigo

Said Ali (Ida, 1931)

Da SD1, podemos depreender que houve uma tentativa anterior malsucedida de envio a Said Ali de um exemplar da edição escolar d’*Os Lusíadas* e que a carta em questão se configura como uma resposta à segunda remessa da obra em relação à qual Said Ali inscreve-se no lugar de comentarista. Não sabemos dizer se o exemplar acompanhava uma carta de Nascentes a Said Ali, se houve resposta à carta de Said Ali ou se a obra em questão foi posteriormente reeditada acolhendo as suas “notas e sugestões”. Diante disso, estabeleceu-se o seguinte fluxo epistolográfico:

Figura 2 – Fluxo epistolográfico da carta de AS para AN



Fonte: Elaboração autoral.

Para fins desta análise, consideraremos que a resposta de Said Ali se dá, não em relação a uma carta, mas à edição escolar d’*Os Lusíadas*, mais especificamente a certas ideias linguísticas com as quais Nascentes nessa obra se identifica, o que a configura com um dizer *de* Said Ali *sobre* os dizeres *de* Nascentes *sobre* língua.

Dito isto, cabe lembrar que a materialização de um imaginário de interlocução, enquanto forma de projecção das formações imaginárias, é uma regularidade em correspondências. Com base nas SDs 1 e 2, podemos, então, estabelecer as seguintes equivalências tendo em vista os lugares projetados na carta de Said Ali: A = Said Ali (SA), B = Antenor Nascentes (AN) e R = dizer de Nascentes sobre língua em sua edição escolar d’*Os Lusíadas*, conforme ilustra o Quadro 2.

Quadro 2 – Formações imaginárias projetadas a partir do lugar de Said Ali (sujeito-missivista A) com base em SD1 e SD2

Expressões	Explicação	Questão	Resposta (FIs)
IA(A)	Imagem projetada por SA para SA	<i>quem sou eu para que eu lhe fale assim?</i>	Colega e amigo
IA(B)	Imagem projetada por SA para AN	<i>quem é ele para que eu lhe fale assim?</i>	Colega e amigo Professor
IA(R)	Imagem projetada por SA para o dizer de AN	<i>do que ele me fala assim?</i>	Da língua n’ <i>Os Lusíadas</i> de Camões = comentários bem-feitos, claros, concisos e convenientes aos estudantes de português
	Imagem projetada por SA para o seu dizer	<i>do que eu lhe falo assim?</i>	De poucas notas e sugestões sobre os comentários de AN

Fonte: Elaboração autoral.

Posto isso, destacamos que as correspondências aqui tomadas como materialidades a serem analisadas não são quaisquer. Trata-se de correspondências escritas *por* intelectuais *para*



intelectuais, que, no caso em tela, participam do processo de instrumentação linguística da língua portuguesa no Brasil. Said Ali e Nascentes ocupam lugares de autoridade em relação ao conhecimento (meta)linguístico, possuindo ainda respaldo institucional. Isso porque, além de pesquisadores e estudiosos, eram professores do Colégio Pedro II (CP II), uma das principais instituições de (re)produção, (re)formulação e circulação de conhecimento linguístico nessa conjuntura, dada a inexistência até a década de 1930 de Faculdades de Letras.

Nos estudos históricos, a escrita epistolar é comumente considerada como uma prática constitutiva, até meados do século XX, da produção textual intelectual. Segundo Gomes (2004, p. 52-53), esses objetos configuram-se como “lugares de sociabilidade” por meio dos quais há, ao mesmo tempo, a “constituição de uma rede organizacional (que pode ser mais ou menos formal/institucional)” e o estabelecimento de “um microcosmo de relações afetivas (de aproximação e/ou de rejeição)”, tornando-se, por isso, importante refletir sobre as “relações estabelecidas entre quem escreve, o que escreve, como escreve e o suporte material usado na escrita” (2004, p. 21). Desse modo, a investigação dessa “teia de correspondências de um intelectual”, acrescenta Venâncio (2004, p. 110), permitindo “vislumbrar a tessitura de uma rede pessoal e profissional”, possibilita também “caracterizar suas práticas de intercâmbios de ideias, de troca de livros e de divulgação de suas opiniões”.

Como visto nas SD1 e 2, na carta em análise, Nascentes e Said Ali são significados como *colegas* e *amigos*. Esses dois significantes materializam, pois, o que Gomes chama de relações referentes à constituição de uma rede organizacional, profissional, pessoal e afetiva que passa pelo espaço de uma instituição, como já dissemos, o CP II. Em 1897, Nascentes ingressou nesse colégio, onde Said Ali era professor de Língua Alemã desde 1889, para cursar o bacharelado em Ciências e Letras. Foi, então, como aluno e professor que os dois se encontraram pela primeira vez. Anos mais tarde, em 1919, Nascentes retornaria, por meio de concurso, ao CP II, agora como professor, inicialmente, de Língua Espanhola, tornando-se colega de profissão e de instituição do antigo mestre, que se aposentaria em 1925. Posteriormente, a partir de 1928, com a extinção da cadeira de Língua Espanhola, Nascentes passaria a atuar também como professor de Língua Portuguesa.

O funcionamento dessa rede de sociabilidade pode ser igualmente observado no gesto de enviar um exemplar da obra recém-publicada a Said Ali – gesto este que, materializando uma prática discursiva de intercâmbio de ideias, até hoje bastante comum entre acadêmicos e intelectuais de um modo geral, diz-nos da relação de admiração e respeito existente entre os dois.

Do ponto de vista discursivo, interessa-nos, nesse intercâmbio, perscrutar o conhecimento científico em se fazendo na escrita epistolar. “O que se diz na carta é parte de um universo de sentidos – nos lembra Souza (1997, p. 57) – que estão previamente estabelecidos”. Sendo assim, considerando os resultados alcançados em pesquisas realizadas por historiadores, compreendemos que a análise discursiva das correspondências de Said Ali pode nos dizer dos modos de constituição, (re)formulação e circulação (Orlandi, 2008b [2001]) do conhecimento dito científico sobre (meta)língua(gem) construído e em construção no ir-e-vir das cartas. Dito de outro modo, o que nos interessa não é simplesmente mapear uma rede de sociabilidade, mas descrever e compreender o funcionamento de uma rede discursiva, para a qual já havia acenado Fernandes (2023), em que saberes sobre língua se enlaçam/são enlaçados, no espaço-tempo brasileiro, na primeira metade do século XX, a nomes como os de Said Ali e Nascentes, mas também, pelo mecanismo da citação, como se verá, ao de outros autores.

Por último, cabe lembrar que, no âmbito da Linguística ou, mais especificamente, da Historiografia Linguística, segundo Cavaliere (2013), costuma-se nos estudos acerca da história do conhecimento linguístico, em função da sua pretensa idoneidade documental, conferir maior relevância às chamadas fontes canônicas (como as gramáticas, dicionários, resenhas, periodizações etc.), em detrimento das fontes não canônicas ou marginais (como os diários e as cartas particulares, entre outros). Mesmo no âmbito da História, segundo Gomes (2004) e Venâncio (2004), embora a correspondência seja um tipo de documentação abundante e variada, também não são numerosas as pesquisas que se dedicam ao seu estudo devido à sua fragmentação, dispersão e, muitas vezes, inacessibilidade.

Com o Catálogo de Correspondências do Arquivo Said Ali não é diferente. As correspondências *de* e *para* Said Ali também se encontram fragmentadas, dispersas e – até o momento, em grande medida – inacessíveis. As cartas de Said Ali a Capistrano a que se tem acesso são esparsas no tempo – e isso a despeito da relação próxima cultivada pelos amigos que, embora também trabalhassem juntos no CPIL, moraram por um tempo em distintas cidades: Said Ali, em Petrópolis; Capistrano, no Rio de Janeiro. Teriam sido 10 cartas enviadas ao longo de 14 anos, ou seja, menos de uma carta por ano. A fragmentação da correspondência ativa de Said Ali para Capistrano se confirma não só quando tomada em sua sequência temporal, mas também quando considerada em relação às cartas de Capistrano a outros destinatários *sobre* Said Ali. O mesmo pode-se dizer sobre a correspondência com Nascentes: haveria mais cartas trocadas entre os dois?

Se consideramos a correspondência passiva de Said Ali, a situação é mais complicada. De fato, nenhuma carta *para* Said Ali foi encontrada até o momento. Assim, perguntamos: onde estão as cartas de Capistrano para Said Ali? E ainda: onde estariam as cartas de Nascentes para Said Ali? E mais: onde estaria a correspondência ativa e passiva de Said Ali trocada com outros interlocutores nacionais e também internacionais, tendo em vista que Said Ali viajava frequentemente para a Europa, circulando nos meios intelectuais europeus, inclusive em missão oficial do governo brasileiro (Costa *et al.*, 2023)?

Com isso estamos chamando atenção para o fato de que o que chegou até nós não passa de uma narrativa demasiadamente esburacada – haja vista, por exemplo, o fluxo epistolográfico da carta aqui tomada como materialidade de análise (Cf. Figura 1). Todavia, ainda que tenhamos o interesse de encontrar os exemplares epistolares perdidos, consideramos, como princípio teórico, a incompletude como da ordem da constituição de todo e qualquer dizer. Sendo assim, as correspondências são tomadas nesta investigação, conforme comparece em epígrafe, como “vestígios de histórias em migalhas” (Venâncio, 2004, p. 107), sobre os quais, enquanto parte de um jogo complexo, pretende-se depreender um gesto de descrição-interpretação, pensando-as em relação a dizeres outros inscritos em textualidades nelas referidas de forma marcada – daí propormos que tal gesto analítico seja depreendido a partir de um movimento que, com Lagazzi (2003), designamos como “texto-puxa-texto”.

### 3. Heterogeneidade mostrada marcada e o movimento “texto-puxa-texto”

Como explica Pêcheux (2011 [1984], p. 291), fazer análise de discurso significa estabelecer procedimentos analíticos que exponham “o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito”, de modo que seja possível apreender no intradiscurso (eixo horizontal, da formulação, da linearização do dizer) os efeitos de sentido decorrentes do seu atravessamento pelo interdiscurso (eixo vertical, da constituição, da memória do dizer). Tal gesto analítico pressupõe, portanto, a exposição das materialidades que constituem o arquivo a um modo de leitura peculiar, que se distingue por considerar a historicidade dos sujeitos e dos sentidos.

Trata-se, assim, nas palavras de Guilhaumou, Maldidier e Robin (2016 [1994], p. 19, *itálico dos autores*), de uma “exploração arquivística” no sentido em que mergulha o pesquisador na “materialidade do texto”, fazendo-o confrontar-se com “*a materialidade da língua na discursividade do arquivo*”. Esse confronto, permite-lhe ainda, conforme Orlandi (2007b [1996], p. 59), relacionar o dito “ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro

lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro modo, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras”.

Ao nos lançarmos à leitura das cartas, nos defrontamos com a sua incompletude constitutiva, seja porque, como dito, muitas correspondências não foram encontradas, colocando-nos diante de uma narrativa demasiadamente esburacada, seja porque todo dizer é constitutivamente incompleto. Como nos ensina a AD materialista, dizer uma coisa é não dizer muitas outras. Do mesmo modo, só é possível dizer porque, nas palavras de Pêcheux (2009 [1975], p. 149), algo já foi dito “sempre, antes, alhures e independentemente” ou, como nos ensina Orlandi (2007a), porque é sempre em relação a outros sentidos que um dado sentido se institui.

Para pensar essa incompletude de todo e qualquer dizer, filiamo-nos à proposta de Authier-Revuz (1990) acerca das heterogeneidades enunciativas. Para a autora, há dois tipos de heterogeneidades. A heterogeneidade constitutiva *do* sujeito e *do* seu discurso se sustenta na consideração deste como produto do interdiscurso. Dela se distingue a que autora nomeia como heterogeneidade mostrada *no* discurso. Esses dois tipos de heterogeneidade dizem respeito, em sua teorização, a “duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição” (1990, p. 32).

Sobre a heterogeneidade mostrada, a autora afirma ainda que através de suas formas “se altera a unicidade aparente da **cadeia discursiva**, pois elas aí **inscrevem** o **outro** (segundo modalidades diferentes, com ou sem marcas unívocas de ancoragem)” (1990, p. 29, negritos da autora) – daí considerar que a heterogeneidade mostrada pode ser marcada ou não marcada. O outro na reflexão de Authier-Revuz pode ser de diferentes ordens: um outro discurso, uma outra modalidade de consideração de sentido para uma palavra, uma outra palavra, um outro sujeito (diferente daquele que se inscreve na posição de autor) etc. Assim, a heterogeneidade mostrada marcada – que é de nosso interesse aqui – é, em sua reflexão, tomada como o conjunto de formas linguísticas ou textuais que, ao inscreverem no dizer o outro, alteram “a imagem de uma mensagem monódica”. Dentre as formas elencadas pela autora que promovem essa inscrição, estão, por exemplo, o discurso relatado (direto e indireto) e o discurso segundo. Estas são, pois, formas que, como veremos, denunciam trajetos de leitura, trajetos de (re)produção, (re)formulação e circulação de saberes numa dada conjuntura sócio-histórica, dizendo-nos das posições a que os sujeitos se identificam ao se significarem como autores.

Ao lermos as correspondências de e sobre Said Ali, encontramos regularmente formas marcadas de inscrição do outro, o que justifica o recorte dessas formas como mecanismo de entrada nas materialidades a serem analisadas neste artigo. No caso específico da carta enviada de Said Ali para Nascentes em 1931, comparecem, do campo dos estudos da linguagem, os nomes do gramático brasileiro Eduardo Carlos Pereira (1855-1923) e do foneticista português Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914). Com vistas a empreender nosso gesto de leitura e relacionar o que é dito em um lugar com o que é dito em outro, iniciamos a busca pelas textualidades em que os dizeres atribuídos na carta de Said Ali a esses nomes se presentificavam.

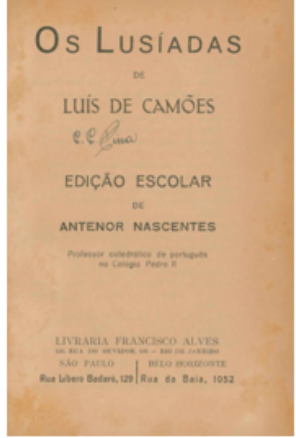
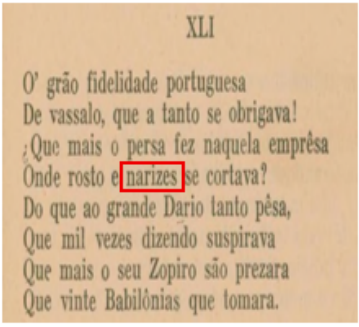
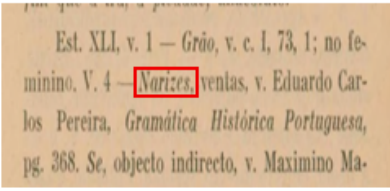
Como na carta as obras filiadas a esses nomes de autores não são mencionadas, fez-se necessário recorrermos ao *Lusíadas* de Nascentes (Ver Figura 2) em busca de pistas que nos permitissem identificá-las, o que de fato ocorreu. Descobrimos que os comentários de Nascentes e Said Ali referem-se à *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Pereira, cuja primeira edição data de 1919, e a *Palestras Filológicas*, de Viana, cuja primeira edição data de 1910, mas da qual só tivemos acesso à segunda edição de 1931.

Ir à obra de Nascentes também foi importante para que pudéssemos empreender o nosso gesto de leitura sobre os dizeres saidalinos, identificando disputas e tensões em jogo. Isso porque os dizeres de Said Ali na carta consistem em comentários sobre os dizeres de Nascentes, os quais, por sua vez, consistem em comentários sobre os dizeres camonianos presentificados em *Os Lusíadas*, funcionando como uma espécie de glossário sob a forma de notas de fim (Medeiros, Costa e Mendes, 2021). Tais notas-glossário comparecem após o poema épico e são agrupadas de acordo com os seus cantos, sem, no entanto, qualquer indicação no corpo do texto. A indicação se dá no próprio comentário por meio da referência à estrofe e ao verso em que se encontra a palavra que, marcada em itálico, funciona como nome de entrada do verbete.

Desse modo, entendemos, tal como propõem Medeiros, Costas e Mendes (2021), que as notas-glossário de Nascentes – enquanto verbetes constituídos por palavra-entrada (significante presente no poema camoniano) e definição (comentário de Nascentes que se volta metaenunciativamente sobre a palavra-entrada na ilusão de explicitar o seu sentido) – funcionam como instrumentos linguísticos (Auroux, 1992) nos quais se materializam discursos sobre língua e que “servem à (re)produção e à circulação de conhecimento” (Medeiros, Costa e Mendes, 2021, p. 1.793).

Em tais comentários, por meio do mecanismo de citação, por vezes dá-se a ver o processo de identificação de Nascentes a saberes filiados a outros nomes de autores, como os de Pereira e

Viana, os quais passam a figurar em seu dizer também a título de comentário. Ou seja, na definição, deparamo-nos com comentários de duas ordens: de significantes presentes no poema camoniano e de dizeres (de) outros com os quais Nascentes se identifica. As figuras 3 e 4 materializam o funcionamento descrito.

Figura 2: Folha de rosto – <i>Os Lusíadas</i> – edição escolar de Antenor Nascentes (1930)	Figura 3: Estrofe XLI do Canto III do poema de Camões – Palavra-entrada “narizes”	Figura 4: Comentário de Nascentes sobre a estrofe XLI do Canto III – em destaque, definição de “narizes”
		
Fonte das figuras 2, 3 e 4: Nascentes (1930)		

Com vistas a depreender as formações imaginárias projetadas do lugar de Nascentes em sua edição d’*Os Lusíadas*, vejamos a SD3, recortada do prefácio da obra.

**SD3:**

O texto verdadeiro dos *Lusíadas* é forte demais para um estudante, como o terceiranista gimnasial, que desconhece a gramática histórica e tem apenas um ano de latim.  
Por conseguinte, uma edição escolar daquele poema, na qual se aplainassem tôdas as dificuldades, impunha-se desde muito.  
É verdade que aí estão os trabalhos de Sales de Lencastre, José Agostinho, Otoniel Mota, F. T. D. e outros, mas estas obras não me satisfaziam nem quanto ao texto, nem quanto às notas.  
As notas são por demais explicativas, tirando ao aluno a capacidade de pesquisa e a de raciocínio.  
O texto segue várias lições do poema, não está perfeitamente actualizado, conserva aqui e ali arcaísmos desnorteadores, não tem sempre grafia da língua actual.  
A edição cujo texto mais me agrada é a nacional, feita por iniciativa de Afonso Lopes Vieira com o texto da edição príncipes de 1572, revisto pelo mestre camonista Dr. José Maria Rodrigues (1928).  
Esta edição, entretanto, não me satisfaz inteiramente.  
Divergindo dela em alguns pontos que ne pareceram importantes, resolvi então fazer a presente edição escolar.  
[...]  
Sentimos ter de discordar do grande mestre da filologia portuguesa, o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, que só concede o direito de correcções levíssimas, intuitivas.  
Não se trata de uma edição crítica e sim de uma edição escolar.  
O texto verdadeiro apresenta aos estudantes muitas dificuldades, muitas singularidades.  
E’ preciso ver que as noções gramaticais não estão ainda consolidadas; não convém apresentar aos olhos dos neófitos formas que acarretem confusões, vacilações. Devem eliminar-se tôdas as influências perturbadoras.

[...]

Fiquem para os doutos as edições com a forma restituída do poema, as fotografadas.

O essencial é a idea e esta, para os escolares e para o povo, aparece nas edições adaptadas melhor do que nas restituídas. (Nascentes, 1930, p. 5-9)

Como se lê na SD3, impõe-se ao gesto de leitura de Nascentes um sentido de falta de uma edição do poema camoniano em que “se aplainassem todas as dificuldades”, sendo condizente com as necessidades e os saberes de que se imagina dispor os estudantes brasileiros, em especial o então chamado “terceiranista ginasial”. As notas das obras já existentes à época são significadas como “explicativas” em demasia, o que se diz tirar “a capacidade de pesquisa e a de raciocínio” do aluno. Além disso, considerando que “o texto verdadeiro apresenta aos estudantes muitas dificuldades, muitas singularidades”, afirma-se priorizar a “ideia” em detrimento da “forma”, de modo que a edição escolar, sem aspiração de ser uma “edição crítica”, não se propõe a apresentar uma restituição, mas uma versão adaptada da epopeia de Camões. Sobre as adaptações empreendidas, que são de diferentes ordens, diz-se que visam eliminar “tôdas as influências perturbadoras” para os “escolares” e para o “povo”, os quais se distinguem daqueles designados como “doutos”, para os quais devem ficar “as edições com a forma restituída do poema, as fotografadas”.

Nesse imaginário, tanto as notas quanto as adaptações promovidas na edição de Nascentes são, pois, caracterizadas por sua finalidade didático-pedagógica, sendo, portanto, determinadas pelo que Orlandi (2007a) chama, com base na proposta de Pêcheux, de mecanismo de antecipação e, por conseguinte, pela projeção de um efeito-leitor. Diz a autora: “todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras” (2007a, p. 39). Ou seja, tendo em vista o efeito-leitor projetado para a sua obra – a saber: estudantes, mas também o povo não douto de um modo geral –, Nascentes antecipa aquilo que, do seu lugar, considera que poderia ser tomado como uma “dificuldade”. É esse mecanismo que, a nosso ver, determina, no que concerne à produção das notas-glossário, o recorte de certas palavras-entrada e não de outras, bem como a imposição da necessidade de redação de definições-comentário ditas mais objetivas e menos explicativas. O Quadro 3 ilustra, com base na Figura 2 e na SD3, as formações imaginárias projetadas do lugar de Nascentes em sua edição escolar d’*Os Lusíadas*.

**Quadro 3 – Formações imaginárias projetadas a partir do lugar de Nascentes n’*Os Lusíadas* - edição escolar (1930)**

Expressões	Explicação	Questão	Resposta (Fls)
------------	------------	---------	----------------

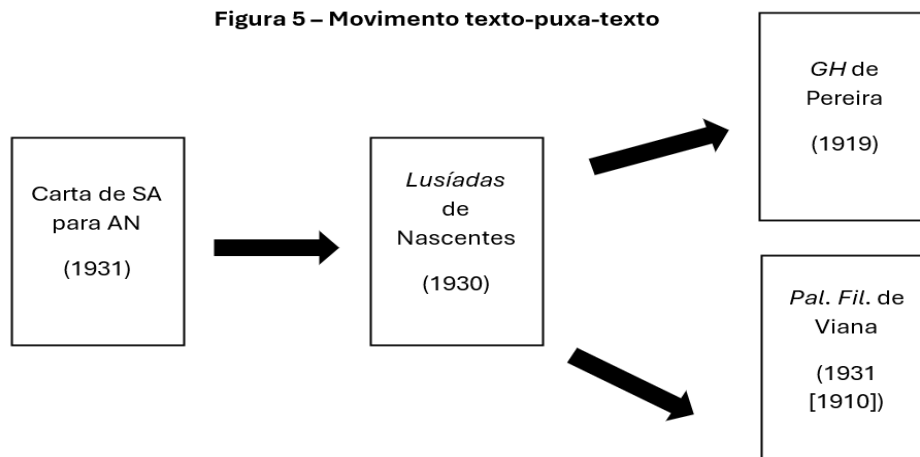
IA(A)	Imagem projetada por AN sobre AN	<i>quem sou eu para que eu lhe fale assim?</i>	Professor catedrático de português do CPIL
IA(B)	Imagem projetada por AN sobre o leitor da obra	<i>quem é ele para que eu lhe fale assim?</i>	Estudantes, escolares Terceiranista ginásial Povo (não douto) Pares (como Said Ali e professores que utilizarão a obra em suas aulas)
IA(R)	Imagem projetada por AN sobre o objeto do seu dizer	<i>do que eu lhe falo assim?</i>	Da edição escolar d’ <i>Os Lusíadas</i> Versão com adaptações e notas que visam aplinar todas as dificuldades e eliminar influências perturbadoras, priorizando-se a ideia sobre a forma
Fonte: Elaboração autoral.			

Sobre o conceito de *comentário*, devemos ainda assinalar que o tomamos a partir da proposta de Foucault (2007), articulando-o com de *discurso sobre* de Mariani (1998). Para Foucault (2007, p. 25-26), “o comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permitindo-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado”. Assim é que, como veremos, nos dizeres de Said Ali e de Nascentes sobre dizeres (de) outros, há sempre algo que retorna, que se mantém, mas também que se desloca.

Observadas essas relações, resta esclarecer que, além das sequências recortadas da carta de Said Ali, que, por constituírem o nosso ponto de partida desencadeador da análise, compõem o nosso corpus primário, recortamos também sequências da obra de Nascentes e das obras de Pereira e de Viana, as quais passaram, então, a compor um corpus secundário. É, pois, esse movimento de pôr diferentes textualidades – e, portanto, os dizeres nelas inscritos – em relação a partir da leitura de correspondências que designamos, com Lagazzi (2003), de “texto-puxa-texto”, conforme buscamos ilustrar com a Figura 5. Nela, as setas indicam a “puxada” de um texto em relação a outro desencadeada pela carta de Said Ali, que “puxa” o texto de Nascentes, que, por sua vez, “puxa” os textos de Pereira e Viana.



Figura 5 – Movimento texto-puxa-texto



Fonte: Elaboração autoral.

De acordo com Lagazzi (2003, p. 69), “com o trabalho de descrição, o sujeito da linguagem [...] se permite e se obriga a dar conta da relatividade da linguagem [da sua incompletude] em suas formulações e interpretações”. Desse modo, arremata a autora, apropriando-se da reflexão de Silva (1996) sobre o movimento *palavra-puxa-palavra*: “frase-puxa-frase, **texto-puxa-texto**, autor-puxa-autor e se confronta com outros autores, teorias se aliam e se confrontam com outras teorias em movimentos marcados pela memória discursiva, a memória dos dizeres e dos saberes” (Lagazzi, 2003, p. 69, **negrito nosso**). Tal movimento constitui, assim, na sua relação com a apreensão das formas de comparecimento da heterogeneidade mostrada marcada, o procedimento metodológico que sustenta o empreendimento analítico que determina a nossa leitura desde a constituição dos corpora de análise.

#### 4. Lendo a correspondência de Said Ali para Nascentes

Como anunciado, a carta em análise é uma correspondência inédita enviada por Said Ali a Antenor Nascentes em 1931, na qual se presentificam comentários sobre a edição escolar d’*Os Lusíadas*, publicada por Nascentes em 1930. Os comentários de Said Ali se configuram, nesse sentido, como *comentários de comentários*. Eles incidem, notadamente, sobre os dizeres de Nascentes a respeito de significantes presentes no poema épico camoniano nos quais, por vezes, tal como na carta de Said Ali, são mobilizados dizeres (de) outros, isto é, dizeres outros filiados a outros nomes de autores – mobilização esta que também se dá a título de comentário.

Sendo assim, para fins de análise, consideramos o funcionamento de três voltas metaenunciativas que, constitutivas do movimento texto-puxa-texto descrito na seção anterior, consistem em efeitos de gestos de interpretação determinados sócio-historicamente. A carta de

Said Ali volta-se sobre os comentários de Nascentes em sua edição escolar d’*Os Lusíadas* e, a partir destes, também sobre dizeres (de) outros. Os comentários de Nascentes, por seu turno, funcionando como definições de um glossário, voltam-se sobre significantes (palavras-entrada) presente no poema épico na ilusão de explicitar o seu sentido. Voltam-se, igualmente, por vezes, sobre dizeres (de) outros, os quais são mobilizados como uma espécie de argumento de autoridade que legitimaria a ideia linguística descrita.

Tendo em vista esse funcionamento, a constituição dos corpora de análise se deu em três etapas. Na primeira, construímos o nosso corpus primário recortando duas sequências da carta nas quais são comentadas definições atribuídas por Nascentes a dois significantes, quais sejam, “narizes” e “alagada”. Para recortá-las, tomamos como critério o comparecimento de forma marcada de dizeres (de) outros.

Na segunda e na terceira etapas, deu-se a construção do corpus secundário. Na segunda, recortamos da obra de Nascentes as estrofes em que comparecem tais significantes e as suas respectivas definições-comentários. Nelas, encontramos ainda citações marcadas de obras filiadas aos nomes de Eduardo Carlos Pereira e Gonçalves Viana. A terceira etapa consistiu, pois, em recortar dessas obras as sequências comentadas por Nascentes e Said Ali.

Por uma questão metodológica, essas sequências foram organizadas em dois grupos de análise nomeados a partir dos verbetes de Nascentes. Passemos a eles.

### Grupo 1 – Verbetes: Narizes

#### A. Corpus Primário:

##### SD4 – Carta de SA para AN:

Não tenho à mão a gramática de E. Pereira. Se o autor se limita, como parece, a identificar o conceito de **narizes** dos quinhentistas com o de **ventas**, semelhante interpretação deixa a desejar. O sentimento de dualidade foi naturalmente origem de **narizes**, **peitos**; o de pluralidade deu lugar a **costas**. Todavia a forma do plural passou a usar-se também nos casos em que tinha em mente um órgão único. Assim: **Poseram-lhe hum punhal nos peytos**. E assim devemos interpretar **onde rosto e narizes cortava**. (Ida, 1931)

#### B. Corpus Secundário:

##### B.1 Nota-glossário

##### SD4.1 – Palavra-entrada do verbete – Estrofe XLI do Canto III d’*Os Lusíadas*

Ó grão fidelidade portuguesa  
De vassalo, que a tanto se obrigava!  
Que mais o persa fez naquela emprêsa  
Onde rostos e narizes se cortava?  
Do que ao grande Dario tanto pêsá,  
Que mil vezes dizendo suspirava

Que mais o seu Zopiro são prezara  
Que vinte Babilônias que tomara.

(Nascentes, 1930, p. 81, grifo nosso)

#### SD4.2 – Definição-comentário de Nascentes:

Est. XLI [...] v.4 - *Narizes, ventas*, v. Eduardo Carlos Pereira, *Gramática Histórica Portuguesa*, p. 368 (....). (Nascentes, 1930, p.331)

#### B.2 Dizeres (de) outro

#### SD4.3 - *Gramática Histórica Portuguesa* de Eduardo Carlos Pereira:

c) **Narizes** é empregado pelos classicos no plural, pelo motivo que nos leva a empregar no plural *ventas*, como atesta o seguinte passo de Camões, que tracta de Zopyro, corteção de Dario, rei dos persas, que se cortou o nariz e orelhas, fingindo que assim o mutilara seu amo, para poder enganar os babylonios, que lhe entregaram a cidade, a qual elle franqueou a Dario.

Oh grão fidelidade Portugueza  
De vassallo que a tanto se obrigava!  
Que mais o Persa fez naquella empreza,  
Onde rosto e narizes se cortava?  
[...] (Pereira, 1919, p. 368)

### Grupo 2 – Verbete: Alagada

#### A. Corpus primário

#### SD5 – Carta de SA para AN:

Entende Gonçalves Viana que se deve inverter a ordem das acepções adotadas pelos dicionários a propósito do velho **alagar**. O significado **aluir** seria mais antigo que o sentido **encher de água, inundar**. Consequentemente rejeita o étimo geralmente aceito **lago**, mas esbarra no penedo **lew, lie, liegen**. Que vem fazer aqua o inglês e o alemão? E por que processo fonético, processo aceitável, se gerou de qualquer desses vocábulos o português **alagar**? E que força não é preciso fazer ao nosso idioma para estabelecer a evolução semântica de **aluir** a **inundar**? E o derivado **alagadiço**, que não foi inventado outro dia, significa a princípio **destruído**? Nunca o encontrei com semelhante acepção.

As razões alegadas pelo ilustre foneticista não convencem. Ao exemplo **hei grande medo que o meu fraco hotel se alague cedo**, exemplo sem valor porque o poeta fala figuradamente, contraponho **vão outros dar à bomba, não cessando; à bomba, que nos vimos alagando (6, 72)**.

Todos os navios que cruzavam o mar Oceano e se dirigiam para a Índia ou para o Brasil levavam um ou duas bombas. Nos temporais podiam inundar-se de água pelos bordos ou pelo costado, onde o taboado facilmente se desconjuntava. Embarcações fragílimas, comparadas com a navegação moderna e, além disso, muito pequenas. As naus alterosas, os soberbos galeões, eram, quando muito, de mil toneladas.

A ação da bomba noite e dia, às vezes sete, oito dias seguidos tinha como causa imediata o alagamento, quer dizer, a inundação causada pelos mares.

O mestre de que fala Camões certamente não esperou que a nau se destruisse ou começasse a afundar-se para dar a ordem **à bomba**.

O alagar-se ou encher-se de água o navio, se não se lhe puser remédio, tem por efeito, bem sabemos a destruição, o afundamento. Por metonímia, nomeou-se também a causa para designar o efeito. Dai a acepção secundaria que adquiriu o termo **alagar**. E aqui está, a meu ver, o equívoco de Gonçalves Viana.

[...]

P.S — Ainda a proposito de **alagar**, G. V. acha ambígua a significação em “bombas, lenha e água para minar, queimar e alagar as suas galerias”. Para mim, o sentido é claríssimo: bombas (para minar); lenha (para queimar); água (para alagar, i.e., inundar). (Ida, 1931)

#### B. Corpus secundário

## B.1 Nota-glossário

### SD5.1 – Palavra-entrada do verbete – Estrofe LXXV do Canto VI d’Os Lusíadas:

A nau grande, em que vai Paulo da Gama,  
Quebrado leva o mastro pelo meio,  
Quási toda *alagada*; a gente chama  
Aquele que a salvar o mundo veio.  
Não menos gritos vão ao ar derrama  
Toda a nau de Coelho, com receio,  
Conquanto teve o mestre tanto tento  
Que primeiro amainou que desse o vento.  
(Nascentes, 1930, p. 179, grifo nosso)

### SD5.2 – Definição-comentário de Nascentes:

Est. LXXV, v. 3 - *Alagada*, no sentido de *destruir*, segundo G. Viana, *Palestras Filológicas*, pg 9. (Nascentes, 1930, p. 372)

## B.2 Dizeres (de) outros

### SD5.3 - *Palestras Filológicas* de Gonçalves Viana:

Os dicionários portugueses, em geral, dão a êste verbo a difinação de inundar, ou outra a esta correspondente, e é somente em tal acepção que o mais moderno e completo delês o registou. O de F. Adolfo Coelho acrescenta, como figurada, a acepção de arrasar, destruir. Os que lhe apontam a etimologia basearam-se naquele primeiro significado, e atribuem-lhe como origem o substantivo lago, que, seja dito de passagem, é pouco popular e não coaduna com a ideia de destruição que o verbo também comporta.

Ora, aquela acepção de arrasar, destruir é ainda vernácula nas províncias, nomeadamente nas da Estremadura e Alentejo, e vários escritores a têm empregado frequentemente em passos, nos quais é inadmissível que tivessem em mente qualquer ruína produzida pelas águas.

Apresentarei aqui quatro exemplos antigos e um moderno:

[...]

hei gram mêdo

Que o meu fraco batel se alague cedo.

(Camões, LUSIADAS, VII, 79).

Eis aqui o exemplo recente: – “As paredes da casinhola começavam a alagar-se” (Acácio de Paiva, O CASARÃO, versão livre do conto espanhol EL CASE-RÓN DE DON CANDIDO, que foi publicada no Suplemento do jornal O SECULO; o trecho figura no de 7 de Junho de 1907).

O orijinal diz assim: – “Los cuarteados muros de la vivienda habían empezado á hundirse” –.

O verbo castelhano *hundirse* quer dizer “aluir-se, abater”.

O espirituoso e correctíssimo poeta contemporâneo, a quem me refiro, é natural de Leiria, e lá é vulgar a significação de destruir para o verbo *alagar*, como o é a de arrasar, deitar abaixo.

No trecho seguinte é ambigua a significação: – “bombas, lenha e água para minar, queimar e alagar as suas galerias” (O ORIENTE PORTUGUEZ, vol. v, p. 256, publicando um documento de xviii século).

[...]

Agora, outra questão: ¿Há dois verbos diferentes, que converjiram em uma só forma, um procedente de lago, e outro com diversa orijem, talvez germânica? Confrontem-se o inglês *low*, “abaixo”, e *to lie*, alemão *liegen*, “jazer”. Estou persuadido que não. O verbo será um único, seja qual fôr a sua etimologia, e o que teremos a fazer a seu respeito é inverter a ordem das acepções que lhe deu o Dicionário da Academia, começando pois pela de “aluir”, e terminando com a de “encher de água”, que em muitos casos é também um modo de destruir. [...] (Viana, 1931 [1910], p. 5-7)

Embora inicialmente Said Ali tenha significado os comentários de Nascentes como “bem feitos, e claros e concisos, como convém aos estudantes de português” (SD1), na exposição do que nomeia como “poucas notas e sugestões” (SD1), presentifica-se um efeito de discordância, observado tanto no Grupo 1 quanto no Grupo 2, em relação a posicionamentos assumidos pelo então “colega e amigo” ao se identificar a dizeres (de) outros.

No Grupo 1, como podemos ler na SD4 (carta), causa estranhamento a Said Ali a “identificação do conceito de narizes dos quinhentistas com o de ventas” – identificação esta que teria sido atribuída, no dizer de Nascentes, a Eduardo Carlos Pereira. Do lugar de que fala Said Ali, essa “parece” ser, então, uma “interpretação” que “deixa a desejar”. Deve-se ressaltar, contudo, que o acesso de Said Ali ao dizer de Pereira é atravessado pela leitura da nota-glossário de Nascentes e, portanto, pelo gesto de leitura empreendido por este, já que, como afirma, quando da escrita da carta, não tinha “à mão a gramática de E. Pereira”, a qual, então, comparece tão somente como menção no comentário de Said Ali sobre o comentário de Nascentes. É nesse sentido que, na SD4, o efeito de discordância é discursivizado enquanto hipótese, possibilidade: “Se o autor se limita, como parece, a identificar o conceito de narizes dos quinhentistas com o de ventas, semelhante interpretação deixa a desejar”.

A palavra-entrada a que se refere a nota-glossário de Nascentes encontra-se no verso 4 da Estrofe XLI do Canto III d’*Os Lusíadas*, no qual lemos “Que mais o persa fez naquela empresa / Onde rosto e narizes se cortava?” (SD4.1). Nessa estrofe, estabelece-se uma comparação entre a fidelidade dos vassalos portugueses e a de Zopiro, cortesão do Rei persa Dario – então designado como “o persa”. A pergunta, presente nos versos 3 e 4, se dirigiria a Zopiro, que havia cortado o seu próprio rosto e nariz e culpado o seu amo numa tentativa de enganar os babilônios. Estes, acreditando em sua narrativa, lhe teriam entregado a cidade, a qual posteriormente o cortesão franquearia a Dario.

Sobre a palavra “narizes”, na definição-comentário de Nascentes (SD4.2), lemos: “*Narizes, ventas, v. Eduardo Carlos Pereira, Gramática Histórica Portuguesa, p. 368*”. Mobilizado por meio de uma forma de modalização que aproximamos do que Authier-Revuz (2000, 2001) nomeia como *discurso segundo sobre o conteúdo*, o dizer de Pereira é, então, tomado como empréstimo, como fonte do enunciado “narizes, ventas”, a partir do qual Nascentes, inscrevendo-se na posição de lexicógrafo, (re)produz saberes sobre língua e, por conseguinte, sobre o mundo quinhentista.<sup>9</sup>

Uma análise comparativa entre as SD4, SD4.1 e SD4.2 nos permite depreender a projeção para Said Ali, em seu gesto de leitura do comentário de Nascentes, de um efeito de sinonímia entre os significantes “narizes” e “ventas” decorrente da disposição sintática dos termos, que se encontram justapostos por meio da interposição de vírgula. Ou seja, na carta de Said Ali, “narizes, ventas” é lido como *narizes = ventas* – donde a crítica em relação à identificação estabelecida entre esses dois conceitos.

---

<sup>9</sup> Lembremos aqui que o poema de Camões foi originalmente publicado em 1572.

Cabe esclarecer, no entanto, que, apesar de, na SD4, o significante “conceito” apontar para uma disputa de sentidos concernentes ao mundo quinhentista, o que está em jogo, no dizer saidalino, é também o gesto de descrição do comparecimento da forma plural em detrimento da singular. É, pois, para essa explicação que, em seu entender, a simples identificação ao conceito de *ventas* produz um efeito de falta, “deixa a desejar”. E falta porque, em sua leitura, o referente discursivo projetado no poema camoniano concerne a “um órgão único” – Zopiro teria cortado o seu próprio nariz – para o qual se teria passado a usar a forma plural devido à associação de um “sentimento de dualidade” em função da presença de duas *narinas* (aberturas do nariz), as quais comumente também são chamadas de *ventas*, de acordo com o *Grande Dicionário Houaiss* (online).

Já a análise da sequência recortada da obra de Pereira (SD4.3) nos permite observar um desliz dos sentidos que se filiam ao nome de Pereira promovido na/pela leitura de Said Ali a partir da (re)formulação de Nascentes (SD4.2). Em SD4.3, mobilizando como exemplo o mesmo verso camoniano de que trata Nascentes, a comparação estabelecida entre os significantes “narizes” e “ventas” não se refere ao sentido dessas palavras, mas ao emprego do plural no lugar do singular em dizeres “quinhentistas” (SD4) ou “clássicos” (SD4.3) – diz Pereira: “Narizes é empregado pelos clássicos no plural, pelo motivo que nos leva a empregar no plural *ventas*”. Ou seja, ainda que, em Pereira, tal como em Said Ali, dizer sobre língua implique dizer sobre o mundo quinhentista, a identificação da motivação para emprego do plural entre *narizes* e *ventas* mantém o distanciamento em relação ao posicionamento saidalino, segundo o qual a pluralização de *narizes* se deve a uma espécie de associação metonímica entre a parte (*narinas*) e o todo (nariz).

Passemos agora para o Grupo 2. Na SD5 (carta), o efeito de discordância se coloca nesse grupo como uma disputa de sentidos para o verbo “alagar”. De acordo com Said Ali, o filólogo português Gonçalves Viana teria proposto a inversão da ordem das acepções tal como comparecem nos dicionários, considerando o sentido de “aluir” anterior ao de “encher de água, inundar”.

A nota de Nascentes (SD5.1) refere-se à forma adjetiva “alagada”, a qual comparece no verso 3 da estrofe LXXV do Canto VI. Nos três primeiros versos dessa estrofe, lemos: “A nau grande, em que vai Paulo da Gama,/ Quebrado leva o mastro pelo meio,/ Quási toda alagada”. Neles, o adjetivo “alagada” exerce a função de predicativo do substantivo “nau”, o qual se encontra em posição de núcleo do sujeito. Assim, em ordem direta e com a restituição do verbo elíptico, teríamos: *a nau grande, em que Paulo da Gama vai, leva o mastro quebrado pelo meio e está*

*quase toda alagada*. A estrofe faz referência ainda a uma outra embarcação, na qual a tripulação está igualmente desesperada temendo um possível naufrágio.

Na definição-comentário de Nascentes (SD5.2), temos: “*Alagada*, no sentido de *destruir*, segundo G. Viana, *Palestras Filológicas*, pg. 9 V. 7”. Note-se novamente a mobilização de um dizer de outro sobre língua por meio de um discurso segundo atribuído a Viana, que é então posto como fonte do enunciado a partir do qual se estabelece um efeito de sinonímia entre o adjetivo “alagada” e o verbo “destruir”.

Na SD5.3, recortada de Viana, inicialmente, diz-se sobre o que é colocado como uma regularidade nos dicionários portugueses, qual seja, a sua definição como “inundar”. Diz-se ainda sobre o que é significado como um acréscimo, no dicionário de Adolfo Coelho, da acepção figurada “arrasar, destruir”. Quanto à etimologia, afirma-se que aqueles que a apontam partem do “primeiro significado”, atribuindo-lhe “como origem o substantivo lago”. Este, porém, para Viana, “é pouco popular e não coaduna com a ideia de destruição que o verbo também comporta” e que seria então “ainda vernácula nas províncias, nomeadamente nas da Estremadura e Alentejo”, havendo inclusive escritores que a “têm empregado frequentemente em passos, nos quais é inadmissível que tivessem em mente qualquer ruína produzida pelas águas”.

Em seguida, são apresentados exemplos recortados de textos literários que, do lugar de que fala o filólogo português, comprovariam a anterioridade do sentido de destruição em relação ao de inundação. Dos exemplos que comparecem na obra desse autor, trazemos três. O primeiro, significado como antigo, foi recortado d’*Os Lusíadas* e, apesar de não ser o mesmo verso em que comparece a palavra-entrada de Nascentes, também   comentado por Said Ali. Em “hei gram medo/ Que o meu fraco batel se alague cedo”, o substantivo *batel*, que designa um tipo de embarca o de pequeno porte, ocupa a posi o de núcleo do sujeito do verbo “alagar-se”.

Sobre esse exemplo, afirma Said Ali (SD5) ser ele “sem valor porque o poeta fala figuradamente”, contrapondo-o aos seguintes versos recortados de três estrofes antes (LXXII) do mesmo Canto VI e que expressam a fala em discurso direto do mestre da embarca o: “v o outros dar   bomba, não cessando;   bomba, que nos vimos alagando”. Mais uma vez, então, para se dizer sobre língua, mobilizam-se saberes sobre o mundo quinhentista, especificamente sobre navega o, produzindo-se um gesto comparativo entre as “embarca es frag l mas” e “muito pequenas” que “se dirigiam para a  ndia ou para o Brasil” com as da “navega o moderna”. Naquelas, impunha-se portar “uma ou duas bombas”, que eram utilizadas “noite e dia, às vezes sete, oito dias seguidos” para tirar a água de bordo em casos de “alagamento, quer dizer, a

inundação causada pelos mares” – daí concluir o estudioso brasileiro que “o mestre de que fala Camões certamente não esperou que a nau se destruísse ou começasse a afundar-se para dar a ordem à **bomba**”.

O segundo exemplo que comparece na sequência de Viana (SD5.3) é posto como “moderno” e foi recortado de uma tradução do castelhano para o português na qual se observa o emprego de “alagar-se” no lugar de “hundirse” – verbo que, segundo Viana, significa “aluir-se, abater”. Viana acrescenta ainda que o poeta castelhano é de uma cidade em que “é vulgar a significação de destruir para o verbo alagar, como o é a de arrasar, deitar abaixo”. Aqui devemos observar o apagamento do gesto de interpretação do tradutor sobre o texto em castelhano a partir do qual “hundirse” é substituído por “alagar-se”, bem como a produção de um efeito de equivalência entre essas duas formas verbais e, portanto, entre as duas línguas em questão, sem que, contudo, se apresente um exemplo em castelhano em que compareça o significante “alagarse” com o sentido de destruição. O filólogo apenas diz que na cidade do poeta essa acepção seria “vulgar”, mas não podemos esquecer que o verbo que comparece no original é “hundirse”.

Há ainda um terceiro exemplo que, recortado do periódico *O oriente português*,<sup>10</sup> é significado por Viana como ambíguo, a saber: “bombas, lenha e água para minar, queimar e alagar as suas galerias”. Esse efeito de ambiguidade é, porém, questionado por Said Ali (SD5), para quem, nesses versos, “o sentido é claríssimo: bombas (para minar); lenha (para queimar); água (para alagar, i. e., inundar)”.

Por fim, na SD5.3, comparece o seguinte questionamento retórico levantado por Viana: “Há dois verbos diferentes, que convergiram em uma só forma, um procedente de lago, e outro com diversa origem, talvez germânica?”. Em sua resposta, considerando as formas inglesa *low*, *to lie* e a forma alemã *liegen*, posiciona-se no sentido de considerar a existência de apenas um verbo, independentemente de sua etimologia, e advoga em prol da inversão “da ordem das acepções que lhe deu o Dicionário da Academia, começando, pois, pela de ‘aluir’, e terminando com a de ‘encher de água’, que em muitos casos é também um modo de destruir”.

Tal posicionamento, todavia, é significado por Said Ali (SD5) como um “equivoco”. Para ele, ao rejeitar o étimo “lago”, que por meio de um processo de parassíntese teria dado origem a “alagar” (lago > a+lag(o)+ar), e mobilizar as formas de origem inglesa e alemã, Viana “esbarra no penedo”, pois não explica por meio de qual processo fonético “aceitável” teria se gerado de

---

<sup>10</sup> De responsabilidade da Comissão de Arqueologia da Índia Portuguesa, esse periódico foi publicado em Portugal entre 1905 e 1920 e retomado entre 1931 e 1940.



“qualquer desses vocábulos o português *alagar*”. Além disso, a evolução semântica de “aluir a inundar” é significada como forçada, não possibilitando, por exemplo, a seu ver, explicar a forma derivada e já antiga na língua “alagadiço”, uma vez que não teriam sido encontrados registros dessa palavra com o sentido de “destruição”. Desse modo, conclui Said Ali: “O alagar-se ou encher-se de água o navio, se não se lhe puser remédio, tem por efeito, bem sabemos a destruição, o afundamento. Por metonímia, nomeou-se também a causa para designar o efeito. Daí a acepção secundária que adquiriu o termo alagar”.

Com base na análise, pode-se afirmar que os dizeres filiados aos nomes de autores Gonçalves Viana – com o qual se identifica Nascentes – e Said Ali trazem à baila dois movimentos de leitura que dizem do processo de historicização nos estudos linguísticos dos sentidos atribuídos ao verbo *alagar* e nos quais estão em jogo processos metonímicos. O Quadro 4 visa sintetizá-los.

Quadro 4 – Dois movimentos de historicização dos sentidos do verbo “alagar”		
Nome do autor	Evolução semântica de “alagar”	Acepção secundária = processo metonímico
Gonçalves Viana / Nascentes	(1) Destruir > (2) inundar, encher de água	alagar = inundar, encher de água específico pelo geral (alagar é um modo de destruir)
Said Ali	(1) inundar > (2) afundar, destruir	alagar = afundar, destruir causa pelo efeito (o alagamento pode levar à destruição)
Fonte: Elaboração autoral.		

Por último, cabe assinalar que, diferentemente do que vimos no Grupo 1, no Grupo 2, os dizeres de Nascentes são comentados apenas secundariamente por Said Ali. O objeto de seu dizer são os dizeres de Viana, com os quais Nascentes se identifica ao se inscrever na posição-sujeito lexicógrafo. Mobilizados por meio de discurso indireto – *Entende Gonçalves Viana que...* (SD5) –, os dizeres atribuídos a Viana comparecem em Said Ali enquanto representação de um discurso (de) outro (Authier-Revuz, 2020). Assim, ao simular-se uma espécie de tradução de um dizer de Viana sobre língua, produz-se como efeito um imaginário de fidelidade não às palavras, mas ao conteúdo relatado, isto é, aquilo que Viana teria dito, para então lhe deslegitimar.

## 5. Conclusão

Neste artigo, além de dar a saber sobre a constituição do Catálogo de Correspondências do Arquivo Said Ali, buscamos trazer algumas contribuições para compreensão do processo de (re)produção, (re)formulação e circulação de ideias linguísticas no Brasil na primeira metade do

século XX, refletindo acerca do funcionamento da escrita epistolar no que concerne especificamente à sua participação no processo de instrumentalização da língua portuguesa no Brasil.

Para tanto, tomando as correspondências como *vestígios de histórias*, a partir da análise de uma carta enviada por Said Ali a Nascentes, buscamos, de *migalha em migalha*, restituir o seu fluxo epistolográfico. Em seguida, com base no procedimento metodológico “texto-puxa-texto”, para empreender o nosso gesto de leitura dessa narrativa, que dissemos ser esburacada, a colocamos em relação a dizeres (de) outros marcadamente presentificados na carta de Said Ali e na nota-glossário de Nascentes.

A análise nos possibilitou depreender, em diferentes movimentos de leitura e de voltas metaenunciativas sobre os dizeres (de) outros, a inscrição de disputas, não só entre saberes sobre língua na sua relação necessária com saberes sobre o mundo quinhentista, mas também por legitimidade, isto é, pela legitimidade dos saberes que (não) podem e (não) devem ser ensinados na escola e, por conseguinte, pela legitimidade daquele que diz sobre tais saberes.

Nesse sentido, esta pesquisa possibilitou ainda o mapeamento de uma rede de intelectuais com que Said Ali dialogava, seja por correspondência, como Nascentes, seja enquanto leitor, como Pereira e Viana. Com isso, pretendemos contribuir para recolocar em circulação nomes de autores, obras e saberes muitas vezes silenciados, lançando luz sobre o seu processo de historicização.

## Referências

- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora Unicamp, 1992.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 24-42, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. Modalisation par discours autre et bivocalité. In: TOMASSONE, R. (Org.). *Une langue: le français*. Paris: Hachette, 2001. p. 199-201.
- AUTHIER-REVUZ, J. Duas palavras para uma coisa: trajetos de não coincidência. *Universa*, Brasília, v. 8, n. 2, p. 333-359, 2000.
- BECHARA, Evanildo. *Mestres da Língua*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.
- CAVALIERE, R. As fontes orais e sua relevância nos estudos linguístico-históricos. *D.E.L.T.A.*, v. 29, n. 2, p. 363-377, 2013.
- COSTA, T. de A. da; SOUZA, Daniele B. de (orgs.). *Manuel Said Ali Ida: primeiros escritos & outros textos*. São Carlos: Pedro & João, 2024.

COSTA, T. de A. da; DE SOUZA, D. B.; FERNANDES, L. F. da S.; SANTOS, T. M. Arquivos em rede: a montagem do Arquivo Said Ali. *Acervo*, v. 36, n. 3, p. 1-29, 2023.

COSTA, T. de A. da. *Discurso gramatical brasileiro: permanências e rupturas*. Campinas: Pontes, 2019.

FERNANDES, L. F. da S. Contribuições de Said Ali para a produção e circulação de saberes sobre línguas indígenas no/do Brasil. In: EL-JAICK, A. P. et al. *Nas brechas das teorias: notas dos jovens pesquisadores do Grupo Arquivos de Língua*. Rio de Janeiro: Autografia, 2023. p. 129-148.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D.; ROBIN, R. *Discurso e arquivo*. Campinas: Editora Unicamp, 2016 [1994].

GOMES, A. de C. Escrita de si, escrita da história: a título de um prólogo; Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, A. de C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-26; 51-76.

IDA, M. S. A. [Correspondência]. Destinatário: Antenor de Veras Nascentes. Rio de Janeiro, 10 jan. 1931. In: HAMPEJS, Z. Duas cartas inéditas do Prof. Said Ali. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano 1961, p. 10, 4. jun. 1961.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. A sala de aula e o alhures: circulando pela linguagem entre práticas e teorias. *Letras*, v. 27, p. 67-71, 2003.

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Unicamp, 1998.

MEDEIROS, V.; COSTA, T. de A.; MENDES, R. Garimpando palavras: produção e circulação de conhecimento no século XIX a partir do gesto de autoria de Alencar. *Rev. Estud. Ling.*, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 1.779-1.812, 2021.

NASCENTES, Antenor. *Os Lusíadas*. Edição escolar (comentada). Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1930.

NARINAS. In: *GRANDE Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2025. Disponível em: <https://houaiss.online/houaission/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007a [2001].

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007b [1996].

ORLANDI, E. *Terra à vista*. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2008a [1990].

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008b [2001].

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1969].

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. Especificidade de uma disciplina de interpretação (A AD na França). [1984]. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso*. Textos selecionados por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2011. p. 227-230.

PEREIRA, E. C. *Grammatica Histórica por Eduardo Carlos Pereira*. 2. ed. São Paulo: Secção de Obras d'O Estado de S. Paulo, 1919.

SILVA, M. V. da. O dicionário e o processo de identificação do sujeito-analfabeto. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni P. (Org.). *Língua e cidadania: o Português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1996. p. 151-162.

SOUZA, P. *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

VENÂNCIO, G. M. Cartas de Lobato a Viana: Uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, A. de C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 11-138.

VIANA, A. G. *Palestras filológicas*. 2.ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1931.

---